



NEWCASTLE, VISTA DO RIO TYNE.

NEWCASTLE sobre o Tyne, no condado de Northumberland, póde por sua posição geographica jactar-se de que poucas cidades terá a Graã-Bretanha com tantas vantagens naturaes para extenso e proveitoso commercio: nenhuma tambem ha que appresente tão rapido incremento e prosperidade, porque já no seculo presente tem adquirido em grandeza mais do dobro do que era ha sincoenta annos, e em população quasi outro tanto. Está a 274 milhas (*) N. N. O. de Londres, edificada nas coroas e declives de tres grandes eminencias, na margem do norte do Tyne e a dez milhas da sua foz, estendendo-se perto de duas milhas ao longo do rio; Gateshead, cidade pertencente ao condado de Durham, occupa a margem fronteira e póde considerar-se um suburbio de Newcastle. Ambas estas, com os arrabaldes, em 1831 apenas contavam 68:790 habitantes: accresceram porem edificios e gente por maneira tal que em 1840 orçava a população por cem mil almas: e todo este augmento assombroso é principalmente devido á mineração e commercio do carvão de pedra que se extrahê das abundantes minas do territorio adjacente. — A importancia de Newcastle como praça de negocio procede de estar sita á borda d'um rio navegavel até alli por embarcações de 400 toneladas. Á beira do Tyne, que fórma o porto, estão os armazens e espaçosos cáes. A sabida do carvão de pedra transportado pela navegação costeira, para consumo do reino-unido, especialmente de Londres, montou em 1838 a 2:450:778 toneladas, e a exportação, no mesmo anno, para os paizes estrangeiros do continente foi de 554:175; isto é, no todo passou de tres milhões de toneladas. — Os outros generos que manda para fóra são chumbo [ramo que vai em muito augmento], ferro assim em barra como em obra, vidros e louça, caparosa e outros productos chymicos, sabão, tintas, pedras d'amolar, sal mineral, e salmão de moura. As importações constam de vinhos e outros licores espi-

rituosos, e fructa, de Portugal, Hespanha e sul da França; trigo, madeira, linho, sebo, e couros do Baltico; tabaco e outros generos do Norte-America. — A grande receita da alfandega de Newcastle montou, no anno de 1837 a 1838, a tres milhões de cruzados e quasi trescentos e dezoito contos de réis [calculando a libra est. a 4000 réis]; rendimento, que não tem igual em outro qualquer porto da Graã-Bretanha á excepção dos seguintes; Londres, Liverpool, Bristol e Hull na Inglaterra; e Greenock, Leith e Glasgow na Escocia. O numero dos navios que entraram a foz do Tyne em 1838 foi de 994 nacionaes e 891 estrangeiros, sendo a lotação total 242:004 toneladas. Igualmente é consideravel o commercio interno; e alem de varias feiras annuaes, tem por semana dois mercados abundantes. — Newcastle possui muitos e notaveis edificios, e grandes e uteis estabelecimentos; prescindimos porem agora de entrar na miuda descripção da cidade.

JOÃO DE BARROS, LUIZ MENDES DE VASCONCELLOS,
E O COMMERCIO DA INDIA.

(Conclusão).

Postoque mais tarde, João de Barros escrevia ainda debaixo da influencia destes acontecimentos, e do prestigio de outros já recordados que se lhe seguiram, não menos extraordinarios. Imaginação meridional tinha, e alma ardente e patriótica, para erguer na tela immortal da historia as figuras grandiosas dos conquistadores da India, não o esqueleto descolorido das verdades economicas. Vivia n'um paiz onde se operava aquella transformação politica e social, desenho da realleza, que, para chegar a poder unico no estado, ia destroncando cabeças ensanguentadas como a do duque de Bragança, immolando victimas nobres como o duque de Vizeu, e dando suetos amiudados á representação nacional. Caminhava-se para a unidade não só na politica mas em tudo o mais. Aspirava-se a

(*) A milha geographica ingleza tem $341\frac{3}{4}$ braças portuguezas: a nossa milha de 54 ao grau tem $935\frac{62}{100}$ braças.

um só culto — o christianismo — a uma só marinha — a portugueza — a um só commercio — o das colonias — a um só modo de estende-lo — a força — a um meio unico de empregar a força — a espada: e quando com o rodear dos annos se experimentaram, sobretudo na economia nacional, os inconvenientes de um tal systema, começando a sentir-se a necessidade de afrouxar de tanto rigor, pensou-se em estabelecer o commercio da India sobre plano differente do que até essa epocha se havia adoptado. Appareceram duvidas sobre a vantagem d'elle, como monopolio da corôa, e até sobre a conveniencia da conquista da India, como questão meramente utilitaria. Ousou-se a publicação destas duvidas pela imprensa, e Luiz Mendes de Vasconcellos escreveu os seus *Dialogos do sitio de Lisboa* onde, discorrendo pela boca de tres interlocutores — um politico [que se suppõe ser o conde da Castanheira, avô do auctor] — um philosopho [o bispo D. Jeronymo Osorio] — e um soldado [Martim Afonso de Sousa, o governador da India] se exprime assim: (1) «A conquista da India não nos deu campos em que semeassemos, nem em que apascentassemos gado, nem lavradores que cultivassem os nossos campos, antes nos tira os que nisto nos haviam de servir; porque parte levados da cobiça, e parte pela necessidade da conquista, temos muitos menos dos que convem. E assim dizem os que nisto mais especulam, que ha agora muitas mais terras bravias, que foram já cultivadas. E quando isto não seja, tiveramos menos matos e muitas mais terras cultivadas; porque não pondo a esperança nas cousas da India, occuparam-se os homens nas que tinham das portas a dentro; e o mesmo é nas mais artes.» Depois de ponderar estes inconvenientes responde a algumas objecções: observa que a India nos levava os homens que na defensão do reino nos podiam servir, sem nos dar outros que os supprissem: nota como nem com as ilhas nem com o Brasil succedia outro tanto; com as ilhas, porque se povoaram de uma vez, e sobre o provimento de trigo que forneciam, nos não estavam continuamente consumindo gente como a India; com o Brasil, porque sobre povoar-se com degredados, *com muito proveito e pouca despeza do reino*, [simpleza do nosso auctor!] era fertilissimo em assucar e outros productos, e até de trigo o podia ser; acrescentando não estar tão distante que nos não podesse valer em occasião de apuro, como não podia a India. Em fim assenta que se como conquista nos foi damnosa, como objecto de commercio podia não sê-lo. Mas que casta de commercio? Ouçamos o escriptor [pag. 104 até 109].... «Para a sustentarmos [a India] com muito proveito nosso, é o meu parecer, que se largue a navegação a todos os portuguezes, que lá quizerem ir com os seus navios commerciar, e venham a Lisboa pagar os direitos das fazendas que trouxerem, e lá façam o mesmo das que levarem. E para que os homens com melhor animo se empreguem no commercio, a primeira viagem será livre de alguma parte dos direitos, e já foi lei bem guardada neste reino, que os navios novos não pagassem direitos da primeira viagem, e aos donos, para a fabrica delles, se fazia certa mercê de dinheiro. E para a pimenta d'elrei irão só uma ou duas náus, que não trarão outra carga. E na India se terá cuidado de fazer que os portuguezes, que estão espalhados pelas terras dos barbaros, se recolham a Gôa, accrescentando aquella

cidade á maior grandeza de povo que seja possivel, para que com ella se assegure aquelle Estado, e para maior segurança de tudo se empregará nas armadas todo o poder d'elle, fazendo navios, em a maior quantidade que poder ser, e navegando todas as monções aquelles mares, fazendo-se senhor delles, assegurará o que tiver na terra. De tudo isto se seguirão grandes beneficios, porque largando o commercio e navegação da India aos portuguezes será muito mais frequentada, com o que crescerá o trato da mercancia, e com elle muito mais as rendas, que lá tem elrei, e aquelle Estado se fará mais poderoso assim pelo crescimento da renda, como porque se povoará muito mais de portuguezes, porque frequentando-se o trato, ficar-se-hão muitos na India, uns por affeição á terra, outros pela commodidade da mercancia, e outros por servir a elrei, que tambem forrará deste modo o que gasta em mandar soldados todos os annos, e a India ficará mais segura; porque alem do que digo, espalhar-se-hão os nossos navios por toda ella, e o interesse do commercio terá os indios quietos, que são naturalmente mais cobiçosos que outras nações, e isto lhes tirará a pratica das gentes, a quem nós a impedirmos, porque tendo sem perigo o nosso commercio, não quizerão com elle o proveito de outro. E tambem não será pequeno beneficio ser isto causa de termos muitas vezes no anno novas da India; porque como a navegação se continuar deste modo, em todo o tempo navegarão as nossas caravellas; podendo tomar os portos que temos na costa d'Africa, e as ilhas de Cabo-Verde e o Brasil, as que por aquella parte quizerem navegar. E dando elrei licença para que estes navios se armem, far-se-ha este reino muito poderoso no mar que é a maior força deste estado, e de todos os que dependem do mar tanto como elle, o qual receberá uma geral utilidade, espalhando-se por todo o proveito do commercio. A elrei será o beneficio maior; porque crescerá a sua fazenda muito, tendo sem gasto o primeiro proveito do commercio; e quando esta renda não cresça, ficará ganhando tudo o que gasta na fabrica das naus, provimento, soldos, e munições, e aonde agora o proveito é pouco, descontando-se a despeza, será então muito, pois é livre della. E vindo a pimenta em uma náu sem outra carga, e bem artilhada, e com bastantes soldados, virá muito mais segura do mar, e dos inimigos; porque as náus boiantes com muito maior segurança navegam, hão mister menos vento, e com grande recebem menos damno do mar, nadando em cima d'elle, e não soffrendo, como rocha, os golpes de suas ondas; e vindo ligeira, apartar-se-ha mais facilmente dos inimigos, e sendo-lhe necessario pelejar, uma náu descarregada, com muita artilheria e bastantes soldados, de muitos navios se póde defender. E querendo mandar cada anno alguma gente, alem da que podem levar estas náus, poderão ir em cada navio dos particulares os soldados que parecer, conforme a grandeza d'elle, pagando-lhes o soldo, e dando-lhes mantimento, e assim será a India bastantemente provida dos necessarios, ainda que se a cidade de Gôa chegar [como disse] a competente grandeza de povo, e se fizer senhora de todos aquelles mares, tirará a este reino o cuidado de soccorrer aquelle estado com gente, que tambem será um grande beneficio. Isto é o que agora me parece, para mais segurança da India e mais proveito nosso, e da fazenda d'elrei; porque o que perdemos em dar occasião de se nos ir mais gente á India,

(1) Pag. 90. — Edição de 1803 conforme a de 1608.

ganhámos no proveito do trato, na segurança della, e nos mais navios que teremos armados.»

Entro em duvida se são mais para admirar as muitas maravilhas e futilidades em primoroso estylo, que se lem nos nossos antigos, se a prosa desalinhada e intratavel com tanta cousa substancial, que escreveu em breve opusculo este auctor. O discernimento com que discursou em assumpto como era o das colonias é para notar, se reflectirmos que, ao tempo em que se publicava a sua obra (2), não tinha ainda apparecido o primeiro escripto economico que viu a luz na Europa — o Tratado do italiano Antonio Serra, impresso em 1613. Mas, sem este auxilio, o bom siso do escriptor portuguez, e alguns capitulos da *Politica* de Aristoteles, que cita, revelaram-lhe verdades que só muitos annos depois foram apregoadas e desenvolvidas pela escola italiana, e pelos economistas inglezes e francezes. No ponto de vista donde elle partia, e em que considerava riqueza de monopolio o commercio colonial, o unico systema rasoavel era o seu. Estabelecido o monopolio como principio e fonte de proveito para a metropole, a regra a seguir era que só os estrangeiros fossem excluidos do lucro, e os nacionaes podessem participar delle todos, sem excepção de nenhum. Excluir, porem, a maior parte, limitando o commercio das colonias á corôa, e aos poucos privilegiados a quem ella o concedia, era accrescentar ao primeiro um segundo monopolio. Com este, se por um lado se tolhiam aos particulares os interesses daquelle trafico, e á nação os ganhos que lhe haviam de provir; por outro se diminuam os rendimentos da alfandega com se estreitar o giro e commutação das mercadorias. Tambem se augmentavam gastos com grossas armadas á custa do estado, destinadas ao trato das especiarias, quando os nacionaes, sendo-lhes franca a liberdade de commerciar, poderiam fazer todo esse trato em navios seus, economisando despesas á fazenda publica, alargando a esphera da marinha mercante, que seria ao mesmo tempo viveiro para a de guerra, e segurando assim com mais fortes vinculos o dominio da mãe patria sobre as possessões do Ultramar.

Contrahida a questão a estes termos, pôde asseverar-se que Vasconcellos a tinha olhado, como, passados mais de dois seculos, a olharam Ricardo e outros economistas. O escriptor portuguez entendia, como elles, que o commercio colonial podia regular-se de fórma que com restricções fosse mais vantajoso para a metropole do que sem ellas. Mas não se conformava com a maneira porque estava regulado; antes julgava por mais conveniente que sendo vedado, como era, aos estrangeiros, o não fosse a nenhum dos productores nacionaes. As rasões que o moviam eram rasões economicas e rasões politicas; porque, a sua obra o attesta, distinguia admiravelmente umas das outras. O que talvez não alcançava era que de se abraçar o seu systema até aos indios se seguiria a vantagem *relativa* de lhes serem vendidos os productos de Portugal mais baratos, quando a todos os portuguezes fosse licito vender-lhos, do que quando essa faculdade não passasse dos officiaes do estado, e de meia duzia de particulares. Este beneficio feito á colonia não se tornaria em damno da metropole; porque o commercio, emancipado, havia de tomar maior incremento, e a barateza dar

mais latitude ao consumo das mercadorias. A receita das alfandegas augmentaria tambem, e a despesa com embarcações e armamentos por conta do estado ou seria eliminada, ou muito diminuida.

Ao tempo que a obra de Vasconcellos foi escripta, o nosso poder declinava muito na India. Já então se podia entrever a impossibilidade de conservar a conquista, ou o dominio tão vasto e absoluto como até alli o tiveramos na Asia. Vista a nossa pequenez, e a extensão daquelle imperio, o que parece sobrehumano é que a estrella das nossas victorias naquella região immensa não descesse mais rapidamente para o seu occaso. Por atrevido e obstinado que fosse o espirito de nossos avós, esses homens energeticos do renascimento, que se afoitavam a tudo, cheios de fé e de esperanza, as barreiras da antiga civilisação oriental eram obstaculo para ser vencido, não do impeto fogoso de homens armados, mas da lima surda e vagarosa dos seculos. A religião da cruz, que lá hiamos plantar, resistia a do alcorão, fallando aos sentidos, e ás recordações de povos innumeraveis. Aos estímulos do ganho, que para lá nos precipitavam, oppunham-se os estímulos, não menos poderosos, de uma raça activa, ávida, e senhora, por posse immemorial, dos mercados asiaticos. Com o gentio, simples e menos interessado, com essas castas flegmaticas e estacionarias da Asia central, era-nos mais facil a entrada: com o mouro, nosso rival nos lucros commerciaes daquelle terra riquissima, impossivel. Desde Constantinopola e Persia até Malaca estavam em conspiração permanente contra nós os representantes e sectarios do propheta; e ora faziam passar á India para nos lançar della as armadas turcas; ora moviam contra Malaca as do Achem, e de Jaoa; ora abalavam os exercitos de Cambaya contra as fortalezas, que tinhamos em Dio e Damão; ora os reis de Decan contra as de Chaul, Baçaim, e Góa. Se traçar no mappa da Asia aquella diagonal immensa que abrangia Ormuz, Góa, e Malaca; tomar Oja, Brave, e Socotorá; reduzir a cinzas Brama, Calicut, Pangim e Nabanda; saquear Orfação; destruir Curiate e as numerosas armadas de Meca, Adem, e Ormuz; render Lamo, Mascate, Calayate, e o castello de Benasterim; devassar o Mar roxo, e nelle arrazar a ilha Camaram; fazer tributarios o rei das Maldivas, e o Hidalcão; receber embaixadas e homenagens dos principes da Persia e Arabia, e dos reis de Bengala, Pedir, Sião e Pacem; edificar fortalezas magnificas em Malaca, Ormuz, Calicut, Cochim, Cananor; celebrar pazes com os reinos de Cambaya, Dabul, Onor, Baticalá até o cabo de Camorim, e com os principes da China, Jaoa e Maluco — se tudo isto fôra bastante a perpetuar nas nossas mãos o imperio d'Asia, Albuquerque, auctor destes grandes feitos, o perpetuára. Nas vespers da morte, o insigne capitão repousava já sobre os louros de suas victorias. O prestigio de sua espada, o respeito do seu nome, a inteireza do seu character, guardavam per si sós a conquista. Todo o oriente ajoelhava ás quinas de Portugal. Os portuguezes commerciavam sem risco por toda a parte, e atravessavam seguramente o mar no mais pequeno zambuco. O programma pacificador, fosse de D. Manuel ou do seu logar-tenente (3), estava executado. Com mais alguns annos de vida e de governo, derivado o curso do Nilo, destruida a casa de

(2) Foi escripta, como diz a Bibliotheca historica, a instancias do celebre bispo, D. Jeronymo Osorio, e é, provavelmente, composição emprehendida e acabada no reinado de D. Sebastião.

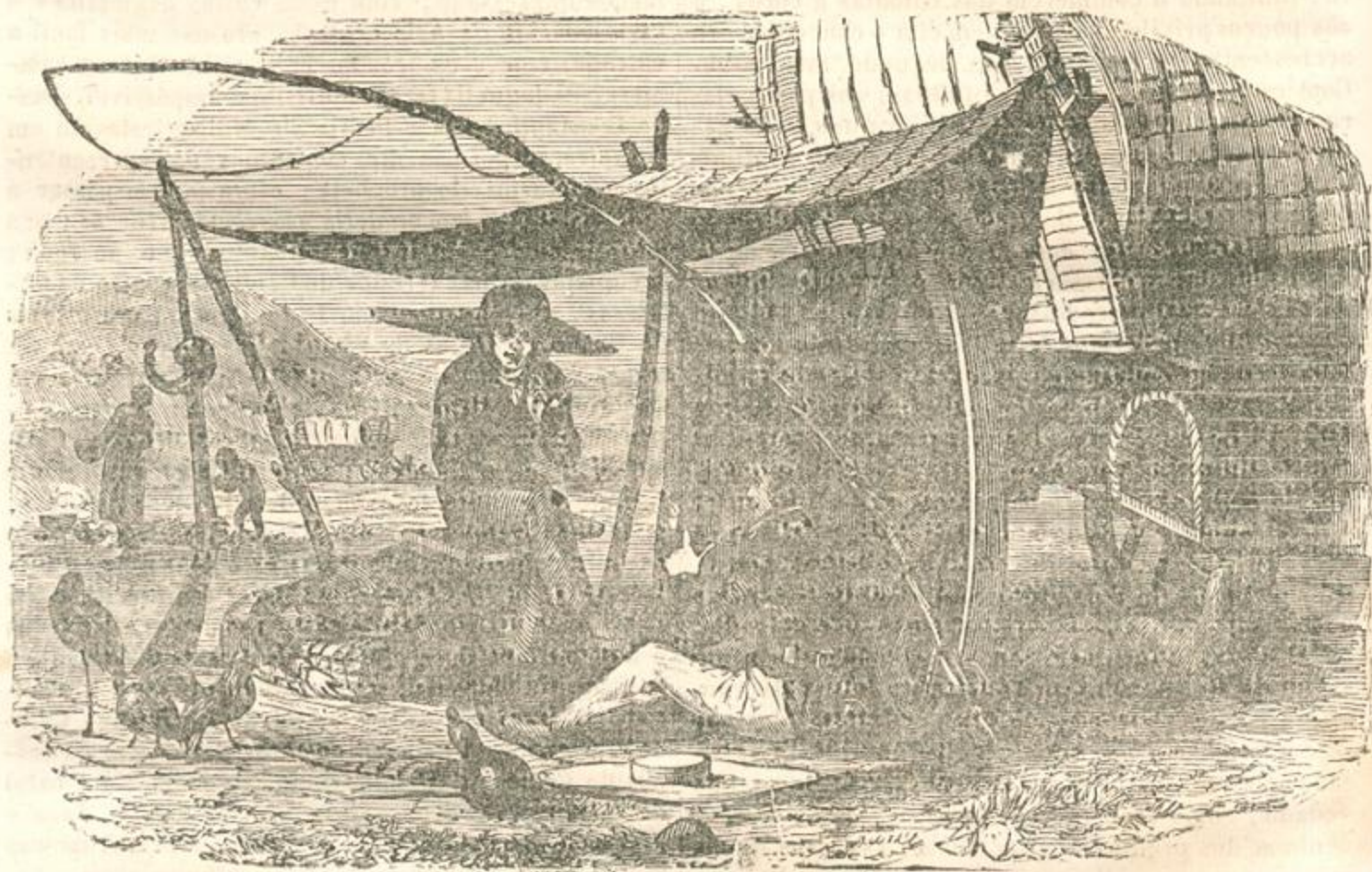
(3) Os Commentarios de Albuquerque attribuem-no a D. Manuel: Albuquerque na carta escripta, nas agonias da morte, a D. Manuel, attribue-o a si proprio.

Meca, fechadas as portas do estreito, o illustre velho teria, na opinião d'elle, consolidado o nosso poder na India, e posto, na opinião de outros, o ultimo remate á nossa grandeza. Mas vivesse e cumprisse-o assim Albuquerque, nem por isso escaparíamos na Asia ás leis da humanidade, e ás vicissitudes dos grandes imperios. Fosse certa, ao que affirmam, a intenção de commerciante, e não de conquistador, com que elrei D. Manuel mandou descobrir a India, não estava na mão d'elle inocular á sua epocha e ao seu povo, todo aventureiro e entusiasta, esse espirito exclusivamente mercantil, que a ambos era estranho. E por maiores incentivos que meio seculo depois se houvessem de applicar, fôra impossivel evitar que esmorecesse em seus descendentes o ardor virgem e primitivo dos primeiros descobridores. Quando 60 depois que Affonso d'Albuquerque partiu para o governo da India, seus ossos voltaram á patria, esses ossos gloriosos restituíram a Portugal cheia de muitas victorias a mesma bandeira, muito rota e velha, que D. Manuel lhe tinha entregado. Mas o redactor dos *Commentarios* que assim o escreveu com singeleza sublime, não affirmou, porque não podia crê-lo, que voltasse juntamente a chamma que os animava e aos

homens do seu tempo. Começavam então a sentir-se duramente os effeitos d'uma conquista tão dispendiosa, com systema commercial tão mal calculado. Recresciam no Oriente os inimigos do nosso poder. Preparava-se a reacção, e accendia-se contra nós a vingança dos vencidos. Pensavamos já em abrandar a lança em proveito do commercio. Pediam a Filipe as côrtes de Thomar em 1581 que cessassem os contractos de mercadorias para as conquistas, e que este trafico fosse livre, salva a imposição de alguns direitos. Drake — o pirata, ou o corsario, segundo então lhe chamavamos — o almirante, segundo mais cortezmente lhe chamam hoje os inglezes — com nove navios do seu commando tomava-nos em 1587 (4), na altura dos Açores, não sem aspera batalha, a náu S. Filipe, da armada de D. Jeronymo Coutinho; e levando-a a Inglaterra, enriquecia os seus estaleiros com o segredo importante da construcção portugueza. E, com tantos desengauos, se João de Barros resuscitasse quando se publicou o escripto de Vasconcellos, concordaria provavelmente nas idéas judiciosas deste auctor.

A. d'Oliveira Marreca.

(4) Couto. Dec. 10 — P. 2.^a cap. 9.^o pag. 326 e 327.



UMA FAMILIA DE COLONOS HOLLANDEZES DO CABO DE BOA-ESPERANÇA.

A SITUAÇÃO da cidade capital da colonia do cabo de Boa-Esperança (*) offerece graves inconvenientes ao trafico do sertão, por causa de estar a muita distancia do paiz que occupam os colonos e n'um canto extremo daquelle territorio, sendo pessimos os caminhos alem de extensos; accresce que o solo circumvisinho á cidade é por muitas leguas esteril e falto de pastagens, o que faz com que o não possam povoar os *boors* [villões] ou camponeses da raça hollandeza, que ficaram espalhados pela colonia,

(*) Vid. a estampa e noticia a pag. 81 e 82 do 1.^o vol. da 1.^a Serie.

[depois que os inglezes a tomaram] e que se dedicam á creação de gados, e abastecem de carnes a cidade do Cabo: vivem porem distantes desta 500 a 600 milhas por causa dos pastos. Cada proprietario de rebanhos e manadas sabe do sertão, uma vez no anno, quando lhe parece, para vir commerciar ao Cabo; traz consigo a maior parte da familia, e o vehiculo que o transporta é uma casa ambulante, contendo [alem das pessoas] cabras, ovelhas, cães, macacos, galinhas &c. — é nova e curiosa para o estrangeiro a vista do carroção com aquelle confuso grupo, tirado por quatro, seis, e

às vezes oito juntas de bois, conforme a riqueza e numero da familia: a gravura antecedente nos mostra um alto ou parada, das que costumam fazer para tomar temporario repouso em tão dilatada jornada; sempre ha uma destas estações na vizinhança da cidade com o fim de esperar para entrar nella de manhã, e vender o que trazem, comprar o que precisam, ou ajustar seus negocios, e sair no mesmo dia. Estes *boors*, que como dissemos são de origem hollandeza, voltam ao sertão, onde tem permanente morada, e criam seus gados, que lá lhes vão comprar os commissarios dos marchantes da cidade do Cabo; e a venda não se effectua em dinheiro, mas n'umas ordens de pagamento, como notas de banco, assignadas pelo marchante e averbadas na Repartição fiscal da colonia; tem a mesma valia que a moeda corrente, e nella as converte o proprietario, quando vem á cidade, ou se lhe é necessario as passa lá na sua residencia dando-as em pagamento a seus visinhos por objectos de que casualmente careça.

HYGIENE PUBLICA.

Das causas das molestias epidemicas e contagiosas, e dos meios de as combater.

A POLICIA, que nas sociedades bem constituidas representa a importante somma de todos os meios de segurança, commodidades e vantagens para o cidadão, conta entre os seus principaes ramos a conservação da saude publica, á qual cumpre attender e tanto mais, quanto maior é o numero das molestias, que assaltam o homem nas cidades populosas; convindo por isso que uma sollicita hygiene de mãos dadas com a sciencia do governo, previnam e acautellem tantas causas, que contribuem para deteriorar o estado sanitario dos cidadãos.

Remontemos a algumas dellas, que motivam os mais damnosos effectos: — como são as emanações putridas, que debaixo de tantas formas, e em tantos logares exercitam sua terrivel influencia sobre o corpo humano, tendo até ao presente escapado ás investigações mais delicadas da chymica. Todavia Guyton-Morveau e outros chymicos, guiados pela analogia, pensaram que estes miasmas eram particulas de substancias putrificadas, espalhadas na atmosphera, e empregaram com bom exito para as attacar e destruir o chlorureto de cal.

Assim quando se observa o aspecto cadaverico, que appresentam os habitantes de certas regiões paludosas, e ao contrario a bella cor e tez dos povos montanhezes; quando se compara por exemplo a longevidade dos habitantes dos Alpes com a dos povos, que demoram desde Liorne até Terracina, incluindo a cidade de Roma, onde reinam febres intermitentes muito perigosas, motivadas sem duvida pelos miasmas mephiticos que exalam os pantanos, de que está coberto o paiz; quando se observa que as febres intermitentes continuas e tenaces assolam metade da população, e dizimam cada anno os habitantes das regiões, em que existem extensas lagóas, e pantanos periodicamente dessecados pelas estações; quando vemos cidades inteiras despovoadas em rasão das molestias epidemicas ou epizooticas atacando quer homens, quer animaes; quando se respira o ar d'uma prisão ou de logares fechados, aonde se reúne grande numero de pessoas; ou quando pelo contrario se respira o ar balsamico e aro-

matico d'um jardim, ou se goza da atmosphera agitada d'uma extensa campina em comparação do ar pesado das ruas estreitas d'uma cidade populosa; em todos estes casos bem se notam differenças consideraveis na composição atmospherica. Devemos pois assentar, e a observação attenta dos phenomenos nos conduz effectivamente a conhece-lo, que os effluvios mais ou menos destruidores dimanados das diversas substancias em putrefacção ou em decomposição, vem misturar-se em differentes circumstancias, habitual ou accidentalmente, com o ar atmospherico, viciando as suas qualidades, e trazendo a debilidade, a molestia e a morte, a todos os entes animados, que respiram esse ar impuro.

A opinião mais acreditada dos chymicos é que o melhor meio d'evitar os estragos das molestias pestilenciaes é fazer affastar a população do foco da infecção; não devemos por isso censurar positivamente as medidas repressivas, que as auctoridades tomam em taes circumstancias. Uma ventilação activa, aberturas largas, numerosas, e oppostas, feitas nos edificios, habitações, officinas, e em geral nos diversos estabelecimentos; assim como uma linha de arvoredos, combinada de maneira, que tenda a facilitar a livre circulação do ar e a acção das correntes atmosphericas; e sobre tudo a total extincção das aguas estagnadas, ou o dessecamento dos logares pantanosos, e daquelles que momentaneamente se alagam; enfim o enterramento das materias animaes e vegetaes susceptiveis de putrefacção: taes são os principaes meios de prevenir o desenvolvimento dos miasmas destructivos em qualquer paiz. Tambem a prudencia recommenda que os habitantes de semelhantes logares se preservem, quanto ser possa, de respirar o ar das lagoas ou pantanos durante a noute, porque a ausencia do sol, diminuindo então os movimentos do ar, é causa de que os miasmas se desenvolvam, e se accumulem em maior copia, do que durante o dia, nas camadas inferiores d'atmosphera. Para destruir pois os miasmas nocivos, e para desinfectar os logares onde elles existem, a applicação do chlorato de cal, como já dissemos, parece preferivel a todos os outros meios: ha alguns annos a esta parte que se tem feito o maior uso deste meio em taes logares, e bem assim nos hospitaes, e prisões: recentemente varios medicos francezes, que observaram com toda a sollicitude as causas d'amiudadas febres amarelas em Gibraltar, se tem servido deste meio com feliz resultado.

O citado Guyton achou que para se desinfecção um quarto de quarenta pés de comprimento, 19 de largo, e 4 a 5 d'alto eram precisas de

Sal commum.....	10 onças.
Oxido de manganéz.....	2 »
Acido sulphurico.....	8 »

Põem-se no meio do quarto o sal e oxido misturados em um vaso de vidro ou de louça bem vidrada com vidro branco, e em cima lança-se d'uma vez o acido, para o que é preciso que esteja em um copo ou em outro qualquer vaso de boca larga. Feito isto fecham-se as portas e janellas por sete ou oito horas, no fim das quaes o ar se acha purificado. Por este modo se podem desinfecção os quartos d'um edificio que esteja ou se desconhe estar infecto com miasmas contagiosos, orçando-se pouco mais ou menos as doses dos ingredientes, segundo o que fica calculado, augmentando ou diminuindo a sua quantidade conforme o tamanho dos quartos.

Prosigamos um pouco mais as nossas reflexões, pois a materia o demanda. A cultura das terras, que tantas vantagens alardêa, de valor natural, intrinseco e mui constante [e que formam o principal fundamento dos matrimonios, sendo certo que com agricultura se multiplicam os meios das riquezas dos paizes] póde trazer consigo auxiliares importantissimos para a purificação da atmosphera mediante a propagação do plantio d'arvoredos, os quaes alem dos usos da vida são mui necessarios para se obter tão salutar resultado, juntando-se a isto o cuidado de fazer as convenientes mudanças nos terrenos para evitar a estagnação ou sedimento das aguas; porquanto segundo notou Verulamio a agua dos rios evapora-se menos do que a dos lagos e charcos. Desgraçadamente nós em varios pontos do nosso Portugal, e com especialidade na margem esquerda do Tejo, desattentos á nossa conservação não nos damos a este cuidado, antes todos os annos deixamos augmentar essas aguas estagnadas, que são causa de multiplicadas enfermidades, como ha pouco se viu, o que obrigou o governo a tomar algumas providencias; sendo certo que tambem concorrem para se darem estas molestias [segundo as informações que nos prestaram alguns medicos que lá foram] a extrema penuria e miseria em que se acham os habitantes de todos aquelles logares, servindo-lhes d'alimento comidas as mais nocivas, e vivendo alem disso em casas immundas. O patriotismo dos concidadãos, o zelo dos governantes são os recursos, os auxilios com que em taes crises se deve contar, porque mediante elles se conseguem todos os adequados remedios para reprimir o mal presente, e preveni-lo de futuro.

É inegavel que muitas artes existem, cujos processos chymicos podem influir na insalubridade do ar vital; que muitas vezes se levantam com o fabrico exhalações nocivas; que mesmo demandam um ar livre, e certa extensão de terreno para os diversos preparos que é mister dar ás materias: assim como ha outras, que são tambem perigosas pela força ignea que empregam, e mesmo em rasão das substancias combinadas que se tornam inflammaveis. Nós temos visto em varias epochas muitos predios devorados pelas chammas, sendo a causa de semelhantes prejuizos taes manufacturas. Na cidade baixa, e em outros pontos della, e nos de maior perigo, vemos varias fabricas estabelecidas, cuja manipulação se póde tornar assaz ruinosa para a saúde publica, e tambem causar a perda dos predios em que se acham collocadas, ou que lhes ficam proximos ou contiguos. As fabricas de refinar assucar, por exemplo, acham-se a cada passo, e no centro dos grandes quarteirões dos arruamentos, fornos; distillações d'agua-ardente; depositos de materias inflammaveis; e até fabricas de fogos d'artificio; e isto no centro da nossa Lisboa! Ponhamos os olhos na terrivel catastrophe d'Hamburgo, e nas cidades que teem sido victimas d'incendios devastadores. Basta reconhecer-se a possibilidade de semelhantes danos para merecer os desvêlos da camara e do nosso governo o remover estas causas. E como? nos perguntarão. Talvez que aproveitando a nossa lembrança; que passámos a expôr; e dando-se-lhe todo o adequado desenvolvimento.

Todos sabem o estado de decadencia em que se acha o bairro de Belem, onde um grande numero dos moradores tem desamparado as habitações para se concentrarem na cidade; e no qual por conseguinte se encontram não só fechadas muitas casas

inteiramente abandonadas, mas até outras demolidas; sendo vulgar ver-se alli, por escacez de meios, a permutação de umas cousas por outras por falta de numerario, como se estivessem no primitivo estado da natureza; e isto n'um bairro de Lisboa, quando outrora todos sabem que foi florecente e bastante commercial. É pelo estado de miseria em que existe que o governo se vê embaraçado em cobrar os tributos lançados áquelles habitantes, que não os podendo satisfazer, deixam seguir os meios coercitivos com que mais se generaliza a penuria; e alem disso, ainda que sejam abandonados ao judicial, o estado nada lucra.

Eis pois o local proprio para nelle se estabelecerem essas diversas officinas, fabricas, laboratorios, de processos chymicos, de curtumes, de refinar assucar, de distillação d'aguas-ardentes, e varios depositos de combustiveis e materias inflammaveis; offerecendo aquelle bairro a vantagem do espaço necessario em terreno, e aquella de muitas casas adequadas para esse fim pelas suas accomodações; juntando-se a estas outra vantagem, qual é o meio de comunicação pelo rio para a conducção facil dos diversos artefactos, bem como dos materiaes de fabrico. E pelo lado politico tambem o estado ia utilizar muitissimo: é principio de primeira intuição que quanto maior é o numero das fortunas particulares, maior é a renda do estado; ora a difficuldade que hoje encontra o governo em cobrar os impostos naquelle bairro, certamente que viria a cessar; e alem disso devemos bem suppor que tornando-se florecente, attrahiria novos moradores, e assim augmentariam mais os recursos pecuniarios para o estado; fazendo-se alem disso a felicidade de grande numero de familias.— Só nos resta declarar que este ligeiro esboço fôra dictado por um ardente desejo, e zelo, que nos occupa pelo bem estar e melhoramento dos nossos concidadãos, porque somos portuguezes, e para a patria é que vivemos.

J. C. da S.

O PHAROL FLUCTUANTE.

(Fragmento).

ERA uma das noites caliginosas e de temporal, que tão perigoso fazem no inverno o Baltico: — tínhamos ousado passar de Bergen a Christiansand n'uma fragil chalupa; e segundo o computo do capitão estaríamos mui perto da costa da Noruega: — mas quem nos dava essa certeza?... Cerrava-se o nevoeiro sobre a superficie do mar; a escuridade era temerosa... d'istante a instante desabavam sobre nós as vagas alterosas... a maruja, cega pela bastidão dos aguaceiros, turbada pelo tumulto dos elementos, applicava-se açodadamente á manobra... Horriavel era a nossa situação!... Trazia-mos por capitão um homem falto de energia, que perdeu a cabeça em presença do perigo: agitado pelo medo e pela influencia das bebidas alcoolicas, desmandava-se em repetidas ordens contradictorias, de que a tripulação em breve tempo não fez caso.

Ia a noite em meio; e um tufão levou a vela grande; dahi a pouco o porão fez agua, e apesar do trabalho continuo das bombas entrava com tamanho impeto o mar que a embarcação ia-se a pique manifesta e rapidamente. — A unica probabilidade de nos salvarmos dependia de aproveitarmos o escaler. Saltámos para elle, excepto o capitão que

se deixou ficar em cima da coberta. — «Salta, salta, se queres viver...» — lhe bradámos á uma. — Mas elle não percebia o que diziamos: por effeito da allucinação, de que a embriaguez dá muitos exemplos, capacitava-se de que sem licença sua os marujos iam á pesca, e furioso por lhe desacatarem a auctoridade vociferava ameaças e injurias, e fazia visagens e ademanos de louco. — Cada minuto de demora valia por um seculo: — as ondas levantavam o escaler e o sacudiam d'encontro ao costado do navio; evidente era o risco de que n'um desses embates se despedaçasse; mas, a despeito da necessidade instantânea, não nos resolvíamos a abandonar o desgraçado. Estava patente que não lhe venceríamos a obstinação com rasões: — um marinheiro subiu á tolda, forcejou para trazê-lo; mas cansado de esforços inuteis saltou de novo ao bote.

— «Larga cabo [clamou a equipagem]... larga! Intentei obter mais um minuto d'espera; baldada estava já a minha esperança de salvar o capitão: soltaram o cabo que nos amarrava ao navio, e o escaler, como a flecha despedida, entranhou-se pelas trévas, que entestavam connosco.

O que fizemos fôra mudar de perigo; ou por outra, era o mesmo risco com face nova: não podia resistir o nosso bote a mares tão cavados. Ora suspensos no vertice dos vagalhões que logo bramando se retiravam de sob a nossa quilha; ora precipitados nos sulcos immensos entre uma serra d'agua e outra que sobrevinha, tínhamos a morte de continuo ante os olhos: ninguém dizia uma só palavra: cada um de nós, em seus pensamentos absorto, aguardava o momento que lhe daria a eterna despedida do mundo, alagando o mar soberbo os curvos abysmos a que por vezes nos arrojava.

Todavia, na escuridão ainda descortinávamos a chalupa; e a reconhecíamos pelos farrapos da vela grande que ficaram presos ao masto; até por intervallos percebíamos a voz do malaventurado capitão: horrorosos eram seus clamores, entremeados porem de cantigas, de blasphemias e pragas. — Passado algum tempo, aclarou-se momentaneamente o horizonte, limitado a obra de uma milha em cerca de nós: descobrimos um vulto negro, que se erguia e descia de modo irregular, balouçado para todas as bandas no remoinho das aguas; de subito nos pareceu que estacava; uma das suas extremidades aprumou-se erguida para o ceu; e o navio [porque era a nossa chalupa] semelhante á baleia, que mergulha, affundiu-se rapidamente no abysmo. Fez echo na superficie do mar um grito de cortar o coração, grito d'agonia; e nada mais vimos que as ondas pulando triumphantes no sitio em que o navio desaparecera. — Cessaram de remar os marujos, e uns para os outros olharam com espantoso silencio: neste ensejo o homem do leme bradou que descobria uma luz por davante; todos olhámos para esse lado, e distinguimos uma claridade vacillante, como a de uma estrella atravez da nevoa: clamor unisono de alegria sahiu de todas as bocas. «Hade ser [disse um velho] o pharol fluctuante que o capitão reconheceu na vespera; se o alcançarmos estamos salvos.» Esta nova nos fez cobrar animo. Decorreu uma hora a luctarmos trabalhosamente contra a tempestade: de continuo punhamos a vista no clarão, que era o nosso alvo; tão perto estávamos que seguro reputávamos o salvamento, mas de repente a luz sumiu-se; impelliunos a tormenta para uma paragem, onde o mar es-

pumava, e se embatiam as ondas com estrondo espantoso... o escaler affundiu-se... — Senti que me levantava uma força irresistivel, e zuniam-me nos ouvidos sons confusos... O que foi feito de mim nesse tempo?... Não sei. Ao subir á tona d'agua, abalroou comigo uma pipa, que fluctuava; aferrei della instinctivamente, e pouco a pouco recuperei os sentidos. Appliquei a vista, chamei, para haver conhecimento de meus companheiros... ninguém respondeu; todos tinham perecido... ficava eu só!... —

Na turbção dos mares e da atmospha impossivel era reger-me, e perdêra, sem esperanza de a recobrar, a direcção do pharol fluctuante: — eis que por um acaso benefico da Providencia o descobro, e ao mesmo tempo o vulto escuro do navio que o segurava: emprégo quantas forças tinha para lá chegar; desfalecido, arquejante, chamo repetidas vezes, á espera que me soccorram... mas nem ruido, nem movimento, nem luz havia naquella embarcação... chego proximo [e mais temeroso era o silencio que a escuridão], duas voltas dou em redor do casco, e não posso subir á borda... por fim um vagalhão me arremeça d'encontro ás correntes, que o atracavam, e por ellas trepando consigo entrar o navio.

Foi o meu primeiro acto d'agracas á Divindade: olhei depois por toda a parte, e o tombadilho e a prôa estavam desertos: descobri por fim uma tenue claridade que sahia perto da escotilha; resolvi-me a descer para saber em cujas mãos estava. Dois homens de grosseiro vestuario havia alli encostados a uma mesa; a luz do candieiro pendurado do tecto, e sacudido pelo balanço do navio, ora mostrava, ora encobria as caras de ambos. Figurou-se-me que, surdos aos bramidos da procella, mais attendiam á tempestade das paixões que dentro d'alma lhes ferviam; faiscava-lhes nos olhos a cólera, manifestando demonstrações de rancor, e anelo de vingança. Houve um momento em que se ergueram subito, inflammados os rostos, e um para o outro inclinados, como dois lobos que disputam a prêa: cobria as vozes o estridor das vagas, porem eu espreitava-lhes os gestos todos expressivos e violentos. Quasi ao travar-se de mãos, appareceu uma mulher; e os dois homens se assentaram; todavia o mutuo olhar, sanguineo e furibundo, de qualquer delles bem demonstrava que ao ver aquella creatura ainda mais se detestavam. — Neste passo, em que eu estava mais attento, escorregou-me um pé e fez bulha; acabou logo a altercação, fizeram entre si consulta, até que o mais idoso abriu o camarote: assim que me viu recuou como quem crê vêr algum avejão: descorado como eu estava, com os vestidos encharcados, e os cabellos pingando, afigurou-se-lhes que seria o espectro d'algum dos muitos naufragados, que tinham perecido naquellas inhospitas ondas. — Mas cheguei-me d'elle, contei-lhe em resumo o meu successo; e vi que sem me responder voltou a consultar sua companhia: não o deixei, mostrei-me a todos: não sei que superstição os preocupava, áquella hora da noite e por semelhante temporal, que muito hesitaram em fallar-me, em prestar-me os soccorros de que tanto carecia: porfim obtive algum alimento e vestidos enxutos, e deitando-me a um canto adormeci profundamente.

Ao raiar o dia, subi á coberta e examinei com mais cuidado o extraordinario asylo, que a Providencia me deparára: era um navio de grande porte solidamente construido e bem calafetado, no meio

tinha arvorado um mastro mais alto e robusto que os das embarcações communs, e no tope delle estava suspenso um lampião com muitos candieiros de reflectores, que mediante cordas e moitões se descia ou subia, conforme era mister. O navio estava seguro por cabos e correntes a um banco d'areia, que se estendia muito ao largo; e o pharol indicava aos navegantes aquella paragem perigosa. Difficil é descrever a scena bravia que eu presenciava: aquella solidão perdida na vastidão dos mares, aquelle mundosinho separado do restante dos viventes, amarrado a um parcel, circumdado de tormentas e naufragios, embebia a alma de idéas lugubres. Que viver, limitado a tão acanhado espaço!... E todavia, como se a guerra dos elementos não bastára, os inquilinos dessa morada temerosa, á face das convulsões da natureza, ousavam proseguir em suas rixas e vinganças. — Despontou no horisonte o sol, porem baço e despojado do diadema de scintillantes raios: obscureciam-no, interpostas como um veu, densas nevoas, que não podia dissipar. Espalhou-se sobre o mar uma claridade pallida, e pude lobrigar, a cousa de onze milhas de distancia, a costa da Noruega: — abrandára a tempestade; mas debalde quiz descobrir alguns vestigios da chalupa e do bote; até os fragmentos tinham desaparecido. — Nem uma só ave com seus pios aviventava tão melancolica solidão. Quando eu a contemplava tristemente, Anguerstorf o mais velho dos dois homens de que já fallei, chegou-se a mim: perguntei-lhe que tempo decorreria até que alguma embarcação me tomasse.

— «Não será tão cedo — me respondeu — ao menos assim o receio: nós temos comunicação com a costa só uma vez por mez: ha seis dias que nos trouxeram mantimentos: deste modo deitai a conta...» —

— Não passará á vista algum barco de pesca-ria?... —

— De verão passam, mas na estação d'agora mui raro é que se aventurem a vogar por cima do baixio; salvo [acrescentou rindo toscamente] se quizerem dar pasto aos peixinhos. —

Atterrou-me esta informação: a lembrança de permanecer tres semanas encarcerado em semelhante prisão era-me intoleravel; e se ao menos podesse cuidar de minha soltura! Mas nada, era forçoso aguardar, em inacção e enfadamento, que ou o acaso, ou a successão natural das cousas, pozesse termo a meu captiveiro. Não tinha que esperar sympathias dos meus companheiros, posto que lhes promettesse recompensa-los com largueza: o ouro, que tanta força tem sobre a mente do geral dos homens, perdia para com estes parte da sua influencia: — servia-lhes eu de constrangimento, de obstaculo, e era mais uma bôca; os viveres destinados a tres pessoas tinham de chegar para quatro; e quem podia adivinhar quando haveria novo provimento?...

Todas estas rasões, e outras que eu ignorava, faziam-me importuno aos meus hospedes; davam ás minhas perguntas respostas curtas e descortezes; e fugindo um do outro tambem se arredavam de mim: gastavam as manhãs em preparar as luzes do pharol, trabalho que era feito n'uma camara pequena; mas não se fallavam, e se por acaso algum delles dizia uma palavra era rancorosa, ou pelo menos aspera, que mal dissimulava o odio; e por qualquer dito ou bagatella scintillavam-lhes os olhos, e a malquerença que lhes fervia no peito dava indícios de explosão.

Chamava-se o mais novo Morvalden, e lhe era especialmente confiada a vigia do pharol: tinha physionomia branda, modos de triste e pensativo, e no seu fallar mostrava boa criação. A mulher, que já aponteí, era delle, tinha por nome Marietta, e com vinte e dois annos, se tanto, perdêra a frescura da mocidade; não deixavam de ser regulares as suas feições, mas no olhar revelava um não sei que de falsidade: era nas maneiras circumspecta; parecia que pesava as palavras, como se fosse espreitada, ou temesse atraçoar-se. Anguerstorf, o outro guarda, teria quarenta annos, era grosseiro, robusto e activo: — vim a conhecer que inspirava a Morvalden tanto temor quanto odio, e que dominava absolutamente Marietta: — teimoso e arrogante, em vez de obedecer, era quem mandava, e sempre disposto a chegar ás ultimas. — Donde procedia o suffocado inimizio entre Anguerstorf e seu patrono?... Notei que reciproca e constantemente se vigiavam, assim de dia, como de noite durante o serviço. Morvalden sobre tudo não podia conter-se; ora passeava a passos precipitados, ora parava subitamente no cimo da escada que levava ao beliche, ahí applicava o ouvido, depois tornava ao passeio, resmungando palavras que eu não percebia: — as desavenças de dia para dia eram mais serias; a final o mais moço subjugado pela activa superioridade de Anguerstorf, deu mostras de ceder, cahiu em pesada melancholia, e deixava-se ficar todo o dia solitario em cima da ponte. — Eu vivia encantado n'uma casta de buraco que me servia de pousada, e donde sahia só ao escurecer; a estas horas me encostava á borda e contemplava o luzeiro mobil do pharol que se prolongava pelo mar: figurava-se-me ás vezes ver o velame branco d'um navio, e ouvir os clamores dos naufragos... que situação a nossa!... agrilhoados a uma restinga, esquivando-se de nos abalroar os que singravam por estas aguas; balouçados pelas ondas incessantes e apesar disso sempre no mesmo lugar!... Nem para nós havia a variedade da viagem, nem a esperança de tocar o porto, nem o prazer que causa ao navegante a brisa favoravel. Todas as distracções nos faltavam, até as de trabalhos e perigos; porem o que mais penoso fazia este nosso desamparo era o espectáculo do rancor entre os dois principaes inquilinos de tão limitado espaço, e que eu não podia deixar de presenciar de momento para momento. (Continuar-se-ha).

Dos tres principaes attributos da Divindade, diz Plutarco, immortalidade, poder, e justiça, dos quaes o primeiro excita nossa admiração e desejos, o segundo nos enche de temor e pavor, o terceiro nos inspira o amor e respeito, é o amor e a prática do ultimo só aquelle que verdadeira e pessoalmente foi communicado ao homem, e o unico que póde guiar aos outros, porque o homem nunca poderá ser verdadeiramente immortal e poderoso sem ser justo.

Tudo o que é livre é voluntario; nem tudo o que é voluntario é livre. Em fazer tudo quanto se quer não consiste a liberdade moral do homem: escrava então das paixões a alma não se determina por si, cegamente toma a vereda que ellas lhe indicam; porem se entre o conflicto dellas com a razão, entre o mal e o bem, a alma doma as paixões para seguir a razão, é então verdadeiramente livre, porque, suspensa entre motivos contrarios, reflectiu e delibrou-se. — Thorel.